

**A PESSOA POR TRÁS DE MÚLTIPLAS FUNÇÕES:  
experiências de uma historiadora em um arquivo pessoal**

**Lia Cazumi Yokoyama Emi<sup>1</sup>**  
lia.yokoyama@gmail.com

**Resumo**

O presente trabalho apresenta reflexões e resultados iniciais de ações realizadas por uma historiadora em um arquivo pessoal, com o objetivo inicial precípuo de divulgar, em um site, a obra do titular desse acervo: Enio Squeff. Trata-se de um arquivo privado, apesar de muitas obras desse artista ocuparem espaços públicos. É, também, um arquivo aberto, pois Enio continua ativo e sua produção não cessa, fazendo com que o acervo continue a ser alimentado diariamente. Some-se a isso o fato de que sua produção não se encerra nas suas obras como pintor. Enio é também um escritor, iniciou a carreira como jornalista, é crítico de música, teve uma coluna na Folha de S. Paulo, ilustrou e continua a ilustrar inúmeros livros, além de outras tantas facetas que pudemos conhecer em meio a quadros e conversas acompanhadas de um café acolhedor. Uma parcela desse universo já está disponível no *site* [www.eniosqueff.com](http://www.eniosqueff.com) e apresentaremos os resultados obtidos até o momento. Paralelamente, interessa-nos trazer para o público a metodologia utilizada. Para compreendermos, organizarmos e retratarmos essa complexidade, essas inúmeras outras funções exercidas por esse homem, recorreremos às propostas de Ana Maria Camargo e Silvana Goulart, assim como à nossa experiência como historiadora quando da construção do *site* [www.obrabonifacio.com.br](http://www.obrabonifacio.com.br). Isto é, partindo da elaboração de uma cronologia. A este instrumento foram criados *links* para diferentes documentos inter-relacionados, e estes foram organizados em pastas digitais, de forma contextualizada e, sempre que possível, com sua atual localização física. Nesse processo, ficou evidente que a organização de um acervo, mesmo que digital, não pode deixar de lado um diálogo constante com o próprio titular do arquivo e demais pessoas envolvidas no projeto, pois não se trata apenas de impor padrões arquivísticos, de regras de gestão arquivística ou de conservação preventiva. Respeitar as possibilidades, os interesses e o foco de cada arquivo, assim como as demandas pontuais para propor ações sustentáveis, é um ponto crucial para que mais ações possam vir a ser construídas de forma consistente, mantendo a abertura para passos futuros. Essa consistência exigiu uma ampliação de nossa formação prévia e a leitura de referências teóricas da área de arquivologia, conservação, museologia, entre outros. Idealmente, a presença de todos esses profissionais formando uma equipe multidisciplinar enriqueceria os projetos desenvolvidos em arquivos pessoais. Porém, sabemos que grande parcela desses projetos conta apenas com um ou dois profissionais que, assim como os titulares do acervo, precisam multiplicar-se em funções, mantendo como foco valores voltados ao cuidado com o patrimônio cultural e artístico como um todo, para tornar possível

<sup>1</sup> Mestre em História Social pela FFLCH-USP e Mestre em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pelo IP-USP, São Paulo/SP, Brasil.

ações de difusão. Investimento contínuo em passos, ainda que curtos, para alimentar uma cultura de preservação em todo e qualquer espaço cultural. Nesse sentido, o trabalho como historiadora envolveu mais do que trazer nossos conhecimentos prévios. Exigiu uma abertura para a formação contínua incluindo conservação preventiva, acondicionamento, assim como catalogação, comunicação, TI e tudo isso perpassado por ações como historiadora-educadora. Os especialistas são essenciais, mas quando fortalecemos essa cultura de preservação entre os próprios titulares dos arquivos pessoais e entre familiares que buscam profissionais para projetos de memória, percebemos que, ainda que curtos, todos os são passos muito firmes. Por fim, vale lembrar que um arquivo pessoal é sempre um convite para reflexões: a abertura para a possibilidade de conhecer aquilo que nos interessa, como apresentado por Hannah Arendt, que traz a origem latina do termo *inter-est*: o que está entre. São coisas, ideias, sons, cores, entre tantas outras mundanidades que nos conectam e nos interessam.

**Palavras-chave:** Arquivo Pessoal. Difusão. Enio Squeff. Arte Contemporânea. Historiadora.

## INTRODUÇÃO

Todo o mundo factual dos assuntos humanos depende, para sua realidade e existência contínua, em primeiro lugar da presença de outros que tenham visto e ouvido e que se lembram; e, em segundo lugar, da transformação do intangível na tangibilidade das coisas. Sem a lembrança e sem a reificação de que a lembrança necessita para sua realização [...], as atividades vivas da ação, do discurso e do pensamento perderiam sua realidade ao fim de cada processo e desapareceriam como se nunca houvessem existido. (Arendt, 2010, p.117)

Atuar em arquivos pessoais exige o constante exercício do respeito à alteridade. O feitiço a que se refere Gomes (1998), ou o *voyeurismo*, conforme Bellotto (1998), que adentrar a intimidade de uma pessoa, ler suas cartas, ter acesso a suas fotos, textos, anotações as mais diversas ou conhecer uma biblioteca pessoal provocam, estão diretamente relacionados a um convite – ou talvez caberia melhor, a um contrato, em seu sentido latino, formado pelo verbo *traho*, que significa trazer para perto, cativar, atrair. Nesse sentido, a proximidade abre uma oportunidade de promover essa atração, trazendo mais pessoas para a participação ativa na construção de uma cultura que valorize a preservação do patrimônio histórico e cultural como um todo, valorizando o protagonismo dos mais diferentes atores. Acreditamos que não nos cabe selecionar e definir o que deve ou não ser preservado, cabendo a “curadoria” aos próprios titulares dos arquivos, quando vivos, e ao respeito à forma como

determinado arquivo é legado, mantendo-se seu arranjo e organização, no caso de titulares já falecidos.

Vale lembrar que, já no século XIX, a historiografia começou a questionar o uso exclusivo de documentos oficiais como única fonte de pesquisa. Deixou de categorizar e separar de forma mais restrita o que precisava permanecer como registro e o que poderia ser descartado. Mais recentemente, reflexões como a de Chimamanda Adichie e Grada Kilomba, para citar apenas alguns nomes, nos fazem pensar nas vozes silenciadas e passa a ser praticamente impossível não aceitar novas fontes, novos discursos, e o entrelaçamento de diferentes elementos que compõem os arquivos pessoais e, para além disso, deve continuar munindo a historiografia com outras possibilidades de reflexão e produção de pesquisas.

Evidentemente, trata-se de um processo longo. Há cerca de vinte anos Cook já provocava essa reflexão ao lembrar que “o controle do passado, e o controle sobre a criação e preservação do passado pelos arquivos, reflete as lutas de poder do presente e, na verdade, sempre a refletiram” (Cook, 1998, p.143). Portanto, não podemos ser ingênuos quando uma pessoa, uma família ou uma empresa procura um profissional, um historiador, e lhe diz que gostaria de criar ou organizar um arquivo. Com o fortalecimento do *storytelling*, principalmente em empresas, esse interesse em ter algo para contar, um passado a compartilhar, evidencia o reconhecimento de objetos e documentos, enfim, de tudo o que as pessoas consideram ser registros do passado – remoto ou próximo – e que aceitam como fontes ou a constatação da “veracidade” de uma determinada narrativa – apesar dessa ilusão que costuma acometer os usuários de arquivos, “verdade”, “sinceridade” e “espontaneidade” são conceitos diferentes, como Bellotto (1998, p.202) já apontava<sup>1</sup>. Referimo-nos, particularmente, a um conjunto de fontes – bilhetes, recados, agendas pessoais, entre outros – que não nascem como documentos oficiais, mas que em um conjunto de um arquivo pessoal são “documentalizados” – discussão essa que aparece em diferentes falas em encontros e seminários de Arquivos Pessoais.

Seja como for, há um reconhecimento de coisas tangíveis. Esse reconhecimento, em um momento inicial, pode estar atrelado apenas a um interesse específico como a redação de um livro comemorativo, a elaboração de uma exposição

ou a digitalização de um acervo para “abrir espaço”, ou para disponibilizar e/ou guardar as informações. Qualquer uma dessas opções é uma oportunidade de adentrar diferentes universos e plantar uma semente incluindo, nas propostas e projetos, formações sobre a importância da conservação preventiva e sobre o universo dos arquivos históricos, fomentando, também, reflexões sobre os suportes digitais. Nesse sentido, vamos ao encontro e concordamos com o que Silvana Goulart (2019) fala sobre a extroversão, assim como com a ideia do historiador-educador para a formação de um senso de responsabilidade coletiva pela preservação (Emi, 2019).

Atuar em arquivos pessoais também exige, portanto, muita disciplina para que se invista tempo e recursos financeiros para uma formação contínua interdisciplinar. Conhecimentos básicos em conservação preventiva, em acondicionamento e em arquivística, tornam-se essenciais, principalmente, para podermos argumentar e justificar quando e por que consideramos necessária a contratação de uma equipe multidisciplinar. Ou ainda, são necessários para orientar a tomada de decisões.

Apresentaremos, pois, com este texto, reflexões derivadas de uma atuação em arquivos pessoais, seja em acervos públicos ou privados, para pensar sobre um ponto específico: a complexidade que, acreditamos, estava presente já no modelo australiano citado por Cook (1998, p.135) onde pode-se verificar um “inter-relacionamento contextual entre documentos, criadores e funções”. Tomaremos como eixo central nosso trabalho desenvolvido no arquivo pessoal do artista plástico Enio Squeff.

As referências teóricas que embasam nossas reflexões derivam, principalmente, da obra de Ana Maria Camargo e Silvana Goulart (2017) e dos artigos publicados no volume 11 da Revista Estudos Históricos, em 1997, reunindo os trabalhos apresentados no Seminário Internacional sobre Arquivos Pessoais, além das discussões mais recentes apresentadas durante os Encontros de Arquivos Pessoais. (Campos, 2017 e 2019)

Ressalve-se que a complexidade dos arquivos pessoais reforça a necessidade de diálogo constante com o próprio titular do arquivo<sup>2</sup>, com pessoas que trabalham ou trabalharam no processo de produção, de acumulação – que como já nos alertou Heymann (1998, p.45), muitas vezes é arbitrário – e/ou de organização, assim como

um diálogo constante com referências teóricas e profissionais de outros arquivos. É nesse sentido que eventos como o Simpósio Internacional de Arquivos tornam-se essenciais também para nossa prática: ao criar espaços de formação contínua e de reflexões compartilhadas.

Antes de iniciarmos a apresentação em si, vale lembrar que temos como premissa que os arquivos pessoais são arquivos de pessoas, antes de serem arquivos de um funcionário no exercício de uma função, como várias definições consolidadas da arquivística tradicional enfatizam ao pensarem sobre o conceito de *fundo*. De forma alguma pretendemos questionar a definição, mas para lembrar que os arquivos pessoais são muito mais. Há casos como o Arquivo de Gustavo Capanema apresentado por Fraiz (1998), com uma narrativa mais claramente definida. E ainda, há arquivos de pessoas ativas que reconhecem na organização de seus documentos e objetos a possibilidade de melhorar suas atividades e sequer pensam que podem deixar um legado com o conhecimento organizado. Especificidades à parte, o que une todos os arquivos pessoais é uma característica comum a todos os seres humanos: a complexidade.

Não seria preciso dizer que uma pessoa, fora de sua função laboral, apresenta diversas facetas. Ou melhor, uma pessoa desempenha uma série de funções em sua vida, que enriquecem seu personagem e permitem uma melhor compreensão dela e que não necessariamente estão relacionadas ao seu trabalho. Compreender, no sentido latino da palavra *comprehendere*, remete à ideia de reunir partes, unir pedaços. E como as reflexões de Cook (1998) evidenciam, ao exercer uma atividade, o local onde a pessoa o faz, também não é um dado inerte. Por isso, essa reunião de partes, essa união de pedaços, forma uma imagem, como um quebra-cabeças. Mas não é uma imagem com elementos separados. Há pontos de intersecção. Pontos comuns. Há partes que extravasam. Há “invasões”. Há perdas, partes apagadas ou borradas. De qualquer forma, há a reificação necessária para que a lembrança se realize. Apresentaremos, pois, para reflexão conjunta, este relato de experiência que tem sua tangibilidade em um produto virtual: um *site* – e a tangibilidade virtual é ironicamente contraditória, mas absolutamente atual, dialogando diretamente com a proposta do simpósio que foca esse cenário híbrido.

## 1. A PESSOA POR TRÁS DE MÚLTIPLAS FUNÇÕES

O arquivo que trazemos como eixo central deste texto é o de um artista: Enio Squeff. Trata-se de um arquivo em construção e um arquivo aberto. Quando fomos contatadas pela família, o objetivo central era a difusão do conjunto da obra do artista em um *site*. Entretanto, ao conhecermos o arquivo, vislumbramos outras possibilidades que serão apresentadas adiante. Além das pinturas e murais, as ilustrações, seus textos, entre tantas outras formas de produção artística e intelectual poderiam compor o *site* para apresentar um pouco mais de sua *anima*.

Como se trata de um arquivo aberto, é um site em construção contínua: a alimentação está em andamento não apenas por conta de obras ainda não catalogadas, mas também por sua atividade atual.

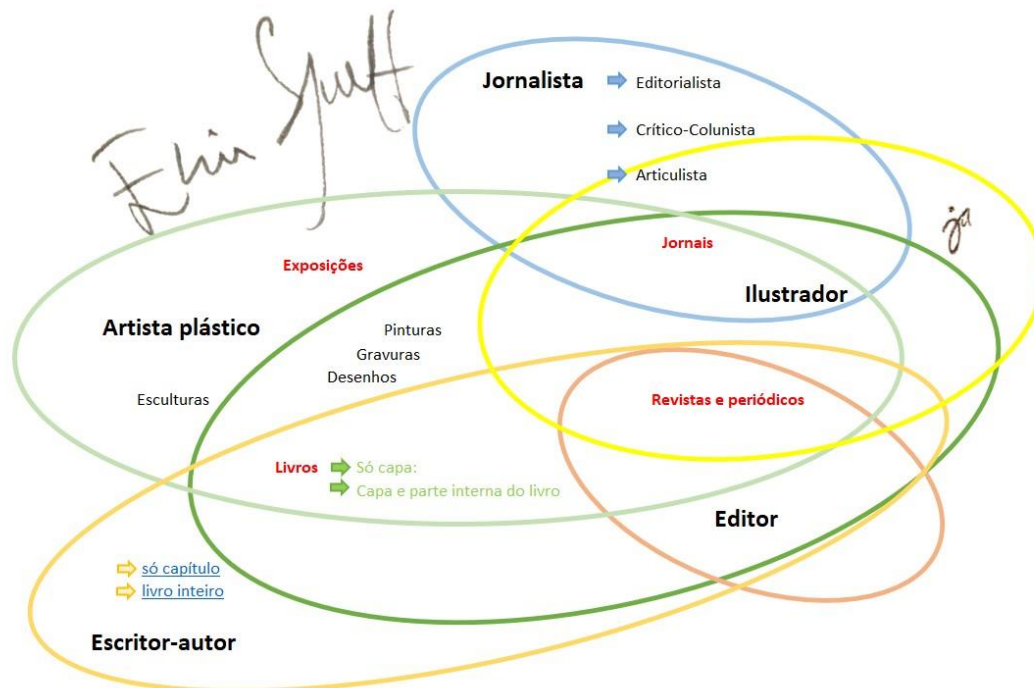
Nossas primeiras interlocuções com familiares do artista tiveram início em 2017, quando iniciamos estudos e avaliações do conjunto de obras do artista. Iniciamos a organização de informações com a elaboração de uma cronologia, em 2018. As ações dos últimos dois anos – 2019 e 2020 – estiveram focadas na alimentação, formatação e publicação do *site*.

Para a cronologia, seguimos a metodologia proposta em diferentes formações da Associação de Arquivistas de São Paulo (ARQ-SP) e do Arquivo Geral da USP, alicerçada em reflexões que sempre referem o trabalho de Ana Maria Camargo e Silvana Goulart. Recuperamos, ainda, nossa experiência quando atuamos no projeto que resultou na elaboração do *site* [www.obrabonifacio.com.br](http://www.obrabonifacio.com.br) para nortear nossas primeiras ações – atividade desenvolvida durante todo o ano de 2018 – paralelamente às reflexões sobre o vocabulário controlado, a descrição e identificação dos documentos e obras, para uma ordenação e classificação, feitas principalmente com a parte do acervo já digitalizada.

A elaboração dessas listas foi importante para pensarmos em possíveis *tags*<sup>3</sup> para buscas no site – cuja elaboração e alimentação ocorreu principalmente durante o ano de 2019 e continuou sendo realizada em 2020.

Tais exercícios rapidamente evidenciaram a complexidade da pessoa por trás do pintor, dentro de um cenário de diferentes instituições, em contextos diversos, mas muitos deles interrelacionados. Mais do que um arquivo de artista, deparamo-nos com o arquivo de um jornalista, um crítico de música, um editorialista, um ilustrador, um desenhista, um escritor, um pintor, um muralista, um pai, um filho, um avô, um morador da Vila Madalena, um paulistano de coração, que parece ter nascido em Porto Alegre por engano. Toda essa complexidade ainda conta com o fato desse acervo estar na residência do titular: Enio Squeeff – um artista absolutamente ativo, um *ativista*. Uma residência que é ponto de encontro de artistas plásticos, músicos, intelectuais, escritores, professores e estudantes universitários, lideranças políticas, pessoas as mais diversas. Uma residência que é também galeria e ateliê, onde se pode apreciar e adquirir as obras que ficam expostas e, também, as obras em produção.

Imagem 1: Enio Squeeff, a pessoa por trás de múltiplas funções.



Fonte: Elaborado pela autora.

Descrição da imagem: Infográfico com círculos ovalados, de diferentes cores, representando as atividades e funções realizadas por Enio Squeeff. As palavras artista plástico, escritor-autor, ilustrador, editor e jornalista, assim como as técnicas (pinturas, gravuras, desenhos) e outras informações como o veículo (jornais, revistas e periódicos) constam nos círculos. A imagem da assinatura de Enio está no topo, à esquerda. No topo, à direita, temos a imagem da rubrica *ja* que se refere a parte do seu nome, Jorge Arizio e era utilizado como pseudônimo em algumas ilustrações. Os círculos se entrecruzam, mas também apresentam partes independentes.

Elaboramos, pois, o gráfico aqui reproduzido, que busca retratar de forma muito condensada esse primeiro contato com a multiplicidade e complexidade da produção desse artista.

Focando apenas a parte profissional, tínhamos em mãos uma produção em textos e em imagens – nas mais diferentes linguagens artísticas – que exigem um entendimento de diferentes sonoridades, trazendo além de referências musicais, referências gustativas e hápticas, que aguçam o paladar e o tato em um exercício de presença no mundo.

Como já apontado anteriormente, a compreensão da complexidade não é algo inédito. Cook (1998) já havia proposto reflexões nesse sentido há mais de vinte anos. Da mesma forma, essa imagem gráfica dialoga com estudos sobre outros arquivos pessoais. Quem visita o Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) na Universidade de São Paulo (USP) encontra os vidros internos repletos de mapas que buscam compreender os diferentes titulares dos arquivos em organização. Pudemos ver, também, essa complexidade no infográfico sobre o fundo Antônio Ermírio de Moraes do Memória Votorantim (Emi; Lima, 2017, p.71).

Destacamos, portanto, como o ponto de intersecção das diversas funções profissionais, sociais, políticas, privadas e públicas, evidencia um elo comum. Este aspecto é conhecido pelos pesquisadores que atuam em arquivos pessoais e esse elo pode ser valorizado pelo estudo biográfico, organizado em uma cronologia que, por sua vez, junto a recursos computacionais, abre um universo de possibilidades para a recuperação dos documentos e informações de forma cruzada.

## **2. O SITE COMO POSSIBILIDADE DE DIFUSÃO CONTEXTUALIZADA**

A cronologia elaborada serviu de referência para a organização virtual do acervo para a disponibilização das informações em um *site* do artista. Já disponível para acesso no endereço [www.eniosqueff.com](http://www.eniosqueff.com), este *site* visa disponibilizar as obras de Enio Squeff de forma complexa, apresentando o pintor, o artista, o ilustrador, mas

também o entrecruzamento destas facetas com suas outras dimensões: o escritor, o jornalista e o crítico de música.

Para tanto, o *site* foi subdividido em oito abas (*home*, galeria, ilustrações, textos, exposições, na mídia, sobre e contato), como podemos ver na imagem a seguir. O conteúdo de cada aba é brevemente apresentado na sequência.

Imagem 2: *Print* da parte superior da *home*



Fonte: Página da web, [www.eniosqueff.com](http://www.eniosqueff.com).

Descrição da imagem: *Print* da parte superior da *home* do *site*, onde pode-se identificar o cabeçalho com o *menu* ao topo, contendo os itens listados anteriormente. Sob o *menu*, a logomarca ENIO SQUEFF em preto, sobre fundo branco. Abaixo do cabeçalho, a imagem de abertura de um vídeo que foca a assinatura de Enio em tinta preta sobre fundo branco. No centro, um botão com o *click* para iniciar a reprodução do vídeo.

- *Home*: logo abaixo do cabeçalho há um vídeo, entre outros já produzidos com o artista. Na sequência, vários *thumbnails* – imagens em miniatura – das obras, tanto pinturas como murais e ilustrações. Fechando a *home*, um *link* para a página do *YouTube* e outro para algumas *playlists* elaboradas por Enio.
- Galeria: apresenta imagens das pinturas, murais e instalações. Elas estão dispostas em páginas com dez *thumbnails* cada, em um total atual de 185 obras.
- Ilustrações: traz as ilustrações de Enio publicadas principalmente em livros, mas sua atuação inclui trabalhos em jornais, revistas e periódicos – ainda em organização.

- Textos: reúne artigos assinados por Enio, sendo que aqueles que estão *online* foram referenciados e o *link* foi incluído para acesso direto. Como o artista também assina livros, prefácios e capítulos de livros, estes estão listados em uma aba como “Lista de livros, artigos e textos assinados por Enio Squeff”.
- Exposições: contém informações sobre as exposições já identificadas, com os respectivos documentos – convites, *folders*, catálogos, entre outros. Nesta aba constam os *links* internos para as abas da galeria, das ilustrações e dos textos vinculados a cada exposição.
- Na Mídia: textos, notas e reportagens sobre o artista. Quando virtuais, também foram inseridos os *links* correspondentes.
- Sobre: traz uma imagem do artista e um texto de apresentação.
- Contato: aba comum em sites que pode ser utilizado por fãs, clientes e interessados em geral para contatar o artista e/ou sua equipe.

Note-se que as ferramentas disponíveis atualmente permitem, por exemplo, incluir a pessoa Enio-escritor, que continua ativo, produzindo obras e textos, inclusive textos para o próprio *site*. Além dessa produção pública, o *site* permite, por meio de *playlists* (listas de músicas também criadas pelo próprio Enio-crítico de música) um “contato direto” com algumas de suas facetas. Essas listas não são mero capricho ou curiosidade. Conviver mais de dois anos em seu ateliê nos permite afirmar que quem conhece esse artista, reconhece em suas obras referências na literatura, lendas, canções, mitos, poemas, fatos históricos, músicas, narrativas e até gostos e cheiros.

Suas obras não são de compreensão simples. Exigem cultura, no sentido proposto por Arendt (2011, p.281): “[...] podemos recordar aquilo que os romanos [...] pensavam dever ser uma pessoa culta: alguém que soubesse como escolher sua companhia entre homens, entre coisas e entre pensamentos, tanto no presente como no passado.” E se as obras de arte em geral não são simples, obras de arte contemporâneas exigem muito mais do que a observação para a fruição. Ou melhor, permitem fruição para além da observação, e isso deve ocorrer de forma contextualizada.

Como já apontado, além da riqueza intrínseca a cada obra, o acervo conta com convites, *folders* e folhetos sobre exposições, fotos de *vernissages*, vídeos, entre

outras informações que permitiram a elaboração de listas de apoio. Uma lista contendo links para textos e obras de Enio, disponíveis *on-line*, uma lista contendo informações sobre seus livros, artigos e textos impressos em papel, assim como uma lista de entrevistas, artigos e textos sobre ele. Dessa maneira, dentro de cada círculo no gráfico apresentado anteriormente, para representar a complexidade que envolve o titular do acervo, poderíamos inserir outros tantos subcírculos. Mas o desafio que se apresentava era: como alimentar um site sem contar com um banco de dados para o cruzamento de informações?

Após pesquisa prévia – cerca de dois anos de estudos, com a elaboração da cronologia onde foram anotadas as fontes localizadas e com a produção das listas de apoio – a inserção de dados teve início e o cruzamento das informações passou a ser feito com a criação de relações internas – *links*. Com as informações, foram carregadas as imagens correspondentes que já constavam no acervo virtual do artista. As relações internas e externas vêm sendo estabelecidas manualmente, uma a uma. A cada novo cruzamento, as informações parecem mais claras. A cada nova obra, a partir dos links, novas relações emergem. Dessa forma, foi possível identificar o *site* como um rico instrumento de contextualização e, sendo sua função principal a difusão, temos no *site* uma difusão contextualizada.

A seguir, apresentamos um percurso de navegação, a título de exemplo, para ilustrar os resultados desse exercício de difusão de conteúdo de forma contextualizada.

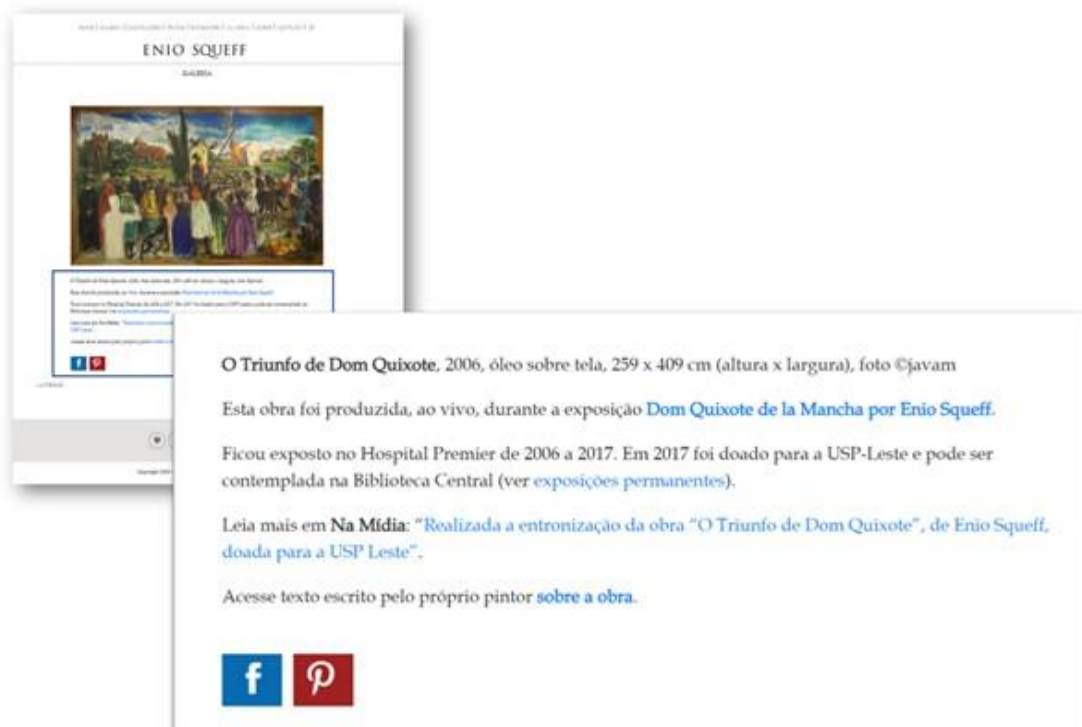
### **3. UMA VISITA VIRTUAL**

Partiremos do texto da aba “Sobre” para realizarmos uma visita virtual, a título de exemplo. No terceiro parágrafo, consta:

Como muralista, suas obras públicas se destacam: “O Triunfo de Dom Quixote”, um mural de 12 metros quadrados em celebração aos 400 anos da obra de Cervantes, hoje localizado na biblioteca da Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH) da Universidade de São Paulo. [Trecho retirado da página do site <http://eniosqueff.com/sobre/>.]

A palavra mural, destacada em azul, é um *link* interno no *site*. Quando clicamos sobre ele, é aberta a página específica da obra referida. A partir da ampliação do texto, é possível notar que há quatro novos links.

Imagem 3: Página da obra “O Triunfo de Dom Quixote”



Fonte: <http://eniosqueff.com/galeria/o-triunfo-de-dom-quixote/>.

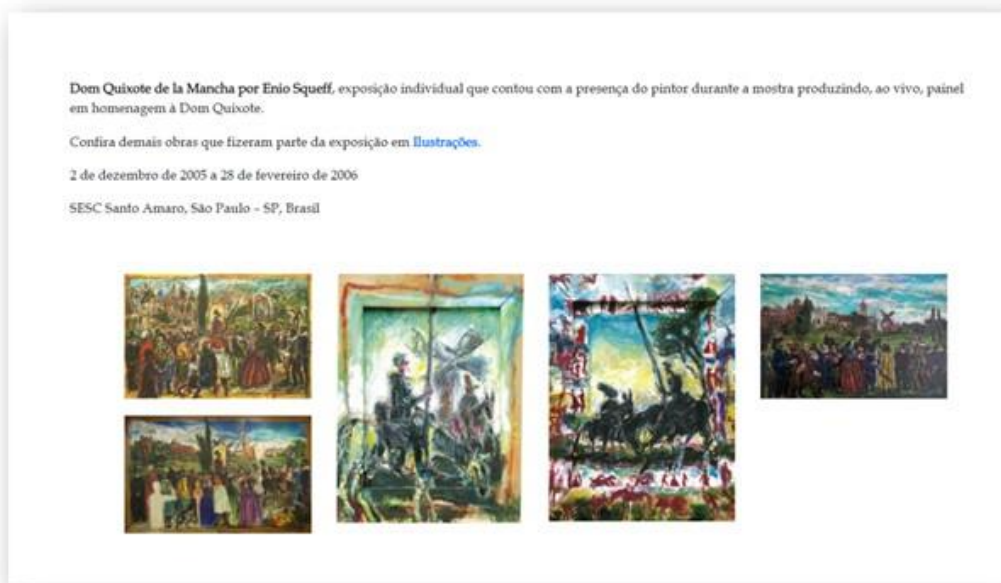
Descrição da imagem: *Print* da página da obra “O Triunfo de Dom Quixote”. Sobreposta à imagem do *print*, um *zoom* que destaca a parte do texto em letras pretas e fundo branco, onde constam os dados da obra: título, data, técnica, dimensões e autor da foto, seguido de outras informações e *links* para páginas internas e externas relacionadas à obra. As palavras ou frases que formam *links*, estão destacadas na cor azul. Na base da página, no canto esquerdo, temos dois botões para compartilhamento em redes sociais: em azul, com o logotipo do *Facebook* e, em vermelho, com o logotipo do *Pinterest*, ambos com *links* para as respectivas mídias.

Supondo que o usuário opte por seguir o primeiro *link* que está em “Dom Quixote de la Mancha por Enio Squeff” – título da exposição. Ao clicar sobre ele, abre-se a página referente à exposição, onde encontramos mais informações sobre o evento, tais como data ou período de realização e local.

No exemplo a seguir (Imagem 4), temos o alerta: “Confira demais obras que fizeram parte da exposição em Ilustrações”. Isso porque temos, neste caso, a imagem de cinco pinturas e, para acessar as ilustrações, um outro *link* que está exatamente na palavra *Ilustrações*, também destacada em azul. Clicando sobre ela, acessamos

diretamente a página (Imagem 5) com as ilustrações que fizeram parte dessa exposição<sup>4</sup>.

Imagem 4: Página do *site* referente à exposição “Dom Quixote de la Mancha por Enio Squeff”



Fonte: <http://eniosqueff.com/exposicoes/dom-quixote-de-la-mancha-por-enio-squeff/>.

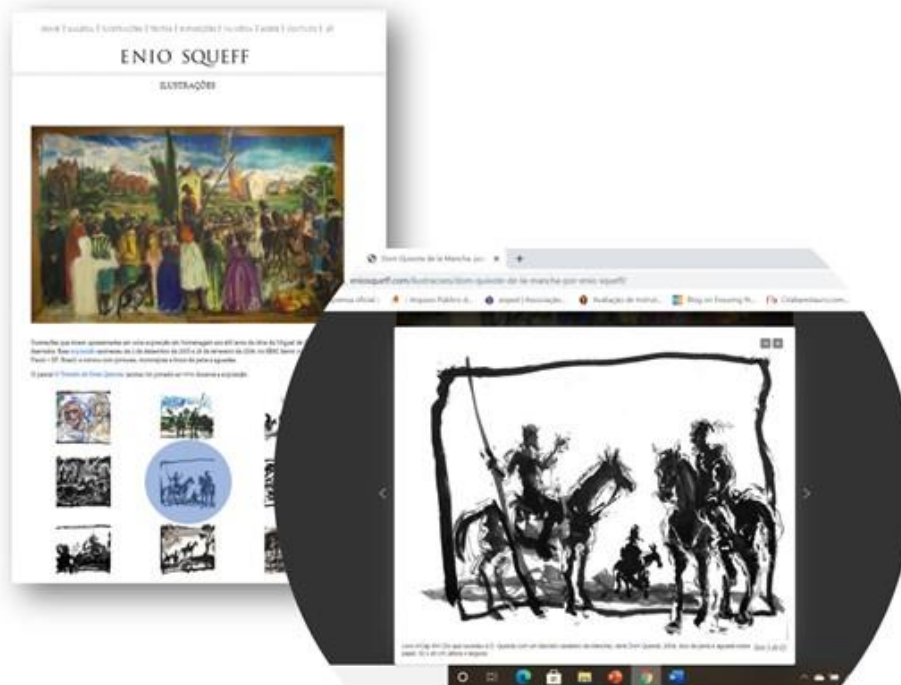
Descrição da imagem: Destaque de parte do *print* da página referente à exposição “Dom Quixote de la Mancha por Enio Squeff”, focando o texto com as informações sobre o evento e as cinco *thumbnails* das pinturas que compuseram a mostra.

É possível identificar na imagem 5, circulado em azul, uma das *thumbnails*. Ao clicarmos sobre essa imagem, abre-se uma janela com informações da ilustração escolhida – informações na parte inferior da imagem, sendo que há ilustrações que ainda se encontram com dados pendentes.

A janela funciona no formato de apresentação de slides e pode ser pausada ou navegada de acordo com os comandos dados pelo usuário. Para tanto, basta utilizar as flechas nas laterais para ir para a imagem seguinte ou retornar à imagem anterior.

Caso o usuário queira ver todas as ilustrações, poder escolher a primeira imagem para acionar a apresentação slide a slide, ilustração a ilustração. No *print* a seguir podemos ver que foi escolhida a quinta ilustração de um conjunto com o total de 65 slides.

Imagem 5: Ilustrações que fizeram parte da exposição “Dom Quixote de la Mancha por Enio Squeff”



Fonte: <http://eniosqueff.com/ilustracoes/dom-quixote-de-la-mancha-por-enio-squeff/>.

Descrição da imagem: Print da página referente às ilustrações e, em sobreposição, *print* da tela com a apresentação de slides que se abre quando se clica em uma das *thumbnails* (neste exemplo, destacado em azul). A tela sobreposta apresenta uma das imagens em preto e branco, maior, destacada em fundo preto, e com legenda e cliques para pausar e fechar (canto superior direito) e de navegação (flechas para ir para a imagem anterior ou posterior, nas laterais da imagem).

Esta rápida visita virtual visava apresentar algumas possibilidades de relações a partir das informações organizadas. Por exemplo, na página referente ao mural (imagem 3), o terceiro link remete à página do *site* onde constam os títulos e respectivos *links* para diferentes notícias relacionadas ao artista. Quando há algum texto produzido por Enio relacionado à imagem, o mesmo é inserido na aba Textos, visando o maior inter-relacionamento possível entre as diferentes produções de Enio Squeff e entre ele e a mídia.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos, com este trabalho, apresentar rapidamente os resultados das ações de uma historiadora no arquivo pessoal de um artista, sempre com o apoio de familiares e outros profissionais da área de comunicação e TI. Essas ações tinham

como foco a organização de informações para divulgar o trabalho desse artista em um *site*, visando a difusão de suas obras. Sua chegada no arquivo fez com que notasse a riqueza do acervo e outras diferentes possibilidades. Não se tratava apenas de uma galeria-ateliê. Há uma biblioteca, recortes de jornais, revistas, artigos, capítulos de livros, correspondências, notas, documentos pessoais, inúmeras fontes, nos mais variados suportes.

Foi necessário um trabalho de dois anos para a elaboração de uma cronologia, acompanhado da identificação dos tipos documentais, localização do material já digitalizado, cruzamento das informações dos documentos físicos e digitalizados, elaboração de listas de apoio, entre outros.

O *site* já conta com pinturas, ilustrações e textos de Enio Squeeff. No entanto, o trabalho de alimentação continua em andamento. Como uma pessoa que sempre foi extremamente ativa, textos antigos ainda continuam sendo localizados e transcritos.

Por fim, gostaríamos de fugir do formato acadêmico e reproduzir aqui, nas considerações finais, integralmente, um texto escrito pelo próprio Enio para uma exposição no Rio Grande do Sul em 2005.

Ilustrador com múltiplas habilidades, ele escreve com imagens e pinta com palavras. Esse texto sintetiza com exatidão a reflexão proposta sobre a complexidade humana, sobre a pessoa por trás de múltiplas funções.

Se o ilustrador é uma espécie de iluminador de uma obra, – pelo menos é isso que se depreende da origem da palavra ilustração – talvez todos os escritores devessem aceder à ideia de Pitágoras que se orgulhava de saber que seu pensamento seria deformado por seus discípulos. Fala-se, no caso, de uma espécie de enriquecimento. Victor Hugo num primeiro momento abominou a ideia de que sua peça – “Le Roi s’amuse” (O Rei se diverte) tivesse sido posta em ópera por Verdi em “O Rigoletto”. Mais tarde, ao assistir à ópera, teve de aceitar que a literal “ilustração” operada pelo compositor acrescentara a seu texto uma dimensão temporal que só a música realiza. Mesmo para um antimusical como Hugo, foi fácil constatar que sua peça não conseguira exprimir simultaneamente vários pensamentos contraditórios, como a música de Verdi lograra fazê-lo.

A relação entre as várias artes é uma questão antiga e não tão renascentista quanto se pensa. Não se sabe se o inglês Dante Gabriel Rossetti foi tão bom pintor quanto poeta; ou vice-versa. Chesterton dizia dele que era pintor bom demais para ser também igualmente um grande poeta. No fundo, guardado o devido respeito a Chesterton, é uma bobagem. Somos todos quase tudo ao mesmo tempo – o que vale são os talentos específicos, que estes nem sempre se impõem. Que é melhor em Millor, o desenhista, ou o escritor? E Luís Fernando Verissimo? Por ser

melhor desenhista que o Erico, saiu-se melhor como escritor? E Chico Buarque? Sinceramente, não chegam a ser questões relevantes.

Mas há quem não entenda desta forma. Por ser autor de livros que illustrei – nem por isso me pretendo melhor escritor do que ilustrador; ou artista plástico. São pretensões concordo. Mas por ser também um homem “transido de música” (a expressão é do meu falecido amigo Gerd Bornheim), acabei sendo, em má hora, crítico musical – no que resultaram outros livros. E só isso já seria suficiente para que alguns me destratem por fazer tantas coisas quase que ao mesmo tempo.

Perdoem-me os unívocos, vou viver minha ambivalência até a última flor do lácio – que, se puder, eu pinto; e na forma que o derradeiro Beethoven me sugerir. Sem quaisquer comparações, tenho ótimos precursores: Paul Klee integrou um dos bons quartetos europeus da década de 30; Schoenberg pintava muito bem e Benvenuto Cellini só chamava a música de “arte maldita”, porque o trompete lhe tirava o tempo que ele achava dever ao cinzel.

O mais, perdoem-me de novo, é perda de tempo. Espantam-me escritores que não vão a concertos, pintores que não assumem a poesia, ou músicos que não se transtornem perante um Hopper. Memento, porém: o algo a mais que o ilustrador de livros acrescenta à obra não é necessária. Cervantes nunca soube de Daumier ou Doré – mas assim como o futuro acrescentou à “Odisséia” o que Homero nunca imaginou, Goeldi, o grande Goeldi deu aos escritores que ele ilustrou talvez mais que o espírito crítico aduz a tudo o que é humano e por não ser estranho aos homens. Se Berlioz não tivesse sido o músico que passou à história, sua literatura ultrapassaria certamente seu século. Os exemplos de casa deveriam nos bastar: Iberê Camargo, em seus contos, foi perfeitamente consentâneo com sua pintura. Só não fez mais para a literatura porque a pintura o absorveu.

Literatura, música, pintura, dança ou teatro são tão vinhos da mesma pipa, que surpreende não haver instalações que se assumam como “obra de arte total” (*gesamtkunswerck*), assim como queria Wagner – ele mesmo autor de algo em torno de 13 volumes entre escritos, contos e discussões filosóficas – fora os libretos de suas óperas.

É verdade que as coisas surpreendem. Gustav Mahler que foi um grande poeta – ofício que assumiu ao acoplar poemas de sua autoria a algumas sinfonias que compôs – talvez não se estarrecesse ao ver a cena que presenciei, há anos, em Bruxelas. Insone, eu assistia à televisão quando me detive num pianista que estava interpretando muito bem a “Patética” de Beethoven. Era um homem de certa idade. Por minha ligação com a música, deveria conhecê-lo – mesmo assim não conseguia identificá-lo. Foi, porém, terminar o programa e aparece, para meu estupor, o nome do homem: era Paul Delvaux, o pintor.

Em suma, para concluir: certa vez preguei uma peça em Antônio Callado. Pus-lhe uma gravação e desafiei-o a identificar seu autor, não sem antes lhe assegurar que ele o conhecia; e muito bem. Pelo estilo logo lhe ocorreram palpites: Chopin? Schumann? Schubert? Não o torturei por muito tempo – pois era mesmo, literalmente, uma sacanagem. Tratava-se de Nietzsche, tocado por um pianista argentino.

Como disse ao Callado, não cobraram a Nietzsche o fazer filosofia também.

*(Enio Squeff, Sobre a arte de compor, escrever e pintar, sem ter de se coçar, 2005)*

Então, assim como Enio, nossa experiência faz com que tomemos suas palavras emprestadas para afirmar “perdoem-me os unívocos”, pois uma historiadora,

em um arquivo pessoal, deve estar atenta a questões de conservação preventiva para agir também como uma educadora que busca informar todos à sua volta sobre ações básicas que devem tornar-se rotineiras. Nesse sentido, pode agir como uma tradutora entre mundos separados por especializações, evitando que estas acabem se transformando em barreiras.

Partindo de pequenas mudanças possíveis, mas tendo sempre como meta e respeitando modelos e padrões reconhecidos pelos especialistas, precisamos construir passagens, espaços de diálogos e trocas. Devemos, também, buscar informações sobre sistemas informacionais e conhecer regras de catalogação. Precisamos buscar alicerces na área da arquivologia e biblioteconomia e, sempre que possível, contar com consultorias complementares. A atuação em arquivos pessoais exige que estejamos alertas às pesquisas de profissionais da conservação que estudam e discutem aspectos relacionados à física e química, assim como às que pensam sobre a segurança nos acervos. Isso porque não é novidade para nenhum profissional que atua em arquivos e acervos: uma equipe multidisciplinar é um diferencial no funcionamento desses espaços, mas profissionais multidisciplinares também tornam-se essenciais.

Podemos nos arriscar a afirmar que estamos ainda construindo uma cultura de memória. Empresas e famílias estão começando a compreender a importância de valorizar sua própria história. Nesse sentido, a disposição para aprender e ensinar torna-se importante ferramenta para que todos os profissionais que atuam em arquivos contribuam para que haja um fortalecimento dessa cultura de preservação em todos os espaços de memória.

## REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. **Responsabilidade e julgamento**. Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. 376 p. [Textos originais de 1959-1975]

\_\_\_\_\_. **A condição humana**. Tradução de Roberto Raposo. 11<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. 408 p. [Original publicado em 1958]

\_\_\_\_\_. **Entre o Passado e o Futuro.** Tradução de Mauro W. Barbosa. 7ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2011. 350 p. [Original publicado em 1954]

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. Arquivos Pessoais em Face da Teoria Arquivística Tradicional: Debate com Terry Cook. **Revista Estudos Históricos**, v.11, n.21 (1998), p.201-207. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2063/1202>>. Acesso em: 28 jan. 2017.

\_\_\_\_\_. **Arquivo: Estudos e reflexões.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2017.

CAMARGO, Ana Maria de Almeida. Contribuição para uma abordagem diplomática dos arquivos pessoais. **Revista Estudos Históricos**, v.11, n.21 (1998), p.169-175. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2065>>. Acesso em: 28 jan. 2017.

CAMARGO, Ana Maria de Almeida; GOULART, Silvana. **Tempo e Circunstância: a abordagem contextual dos arquivos pessoais.** São Paulo: Instituto Fernando Henrique Cardoso, 2007. 316 p.

\_\_\_\_\_. **Centros de Memória: uma proposta de definição.** São Paulo: Edições SESC, 2015. 112 p. (Coleção Sesc Culturas)

CAMPOS, José Francisco Guelfi (org.). **Arquivos pessoais: experiências, reflexões, perspectivas.** São Paulo: ARQ-SP, 2017. 134 p. (Eventus, 4).

\_\_\_\_\_. **Arquivos pessoais: experiências e perspectivas.** São Paulo: ARQ-SP, 2019. 296 p. (Eventus, 5).

COOK, Terry. Arquivos Pessoais e Arquivos Institucionais: para um Entendimento Arquivístico Comum da Formação da Memória em um Mundo Pós-Moderno. **Revista Estudos Históricos**, v.11, n.21 (1998), p.129-149. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2062/1201>>. Acesso em: 28 jan. 2017.

COSTA, Marilene Fragas. **Noções Básicas de Conservação Preventiva de Documentos.** Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003.

DUCROT, Ariane. A Classificação dos Arquivos Pessoais e Familiares. **Revista Estudos Históricos**, v.11, n.21 (1998), p.151-168. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2059/1198>>. Acesso em: 28 jan. 2017.

EMI, Lia Cazumi Yokoyama. A Conservação Preventiva como Responsabilidade Coletiva: reflexões sobre a importância da formação transdisciplinar (Comunicação Oral). **IV Simpósio SENAI/ABER de Inovação, Desenvolvimento e Tecnologia na Preservação de Acervos.** São Paulo, SENAI, 2019.

EMI, Lia Cazumi Yokoyama; LIMA, Tania. Arquivos pessoais: uma experiência institucional. In: ANDRADE, Ana Célia Navarro de. **Arquivos, entre tradição e modernidade**. São Paulo: ARQ-SP, 2017. V. 2, p. 64-73.

FRAIZ, Priscila. A Dimensão Autobiográfica dos Arquivos Pessoais: o Arquivo de Gustavo Capanema. **Revista Estudos Históricos**, v.11, n.21 (1998), p.59-87. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2060/1199>>. Acesso em: 28 jan. 2017.

GOMES, Angela de. Nas Malhas do Feitiço: o Historiador e os Encantos dos Arquivos Privados. **Revista Estudos Históricos**, v.11, n.21 (1998), p.121-127. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2069/1208>>. Acesso em: 28 jan. 2017.

GOULART, Silvana. Gestão Contemporânea de Arquivos e Centros de Memória (Palestra). **Arquivo Geral da USP (AGU) e ARQ-SP**. São Paulo, AGU, 11 de setembro de 2019.

HEYMANN, Quillet Luciana. Indivíduo, Memória e Resíduo Histórico: Uma Reflexão sobre Arquivos Pessoais e o Caso Filinto Müller. **Revista Estudos Históricos**, v.10, n.19 (1997), p.41-66. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2041/1180>>. Acesso em: 28 jan. 2017.

### Referências audiovisuais

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **The danger of a single story** (O perigo de uma única história). TedGlobal. Filmado em Jul. 2009. (18 minutos e 49 segundos). Disponível em: <[https://www.ted.com/talks/chimamanda\\_adichie\\_the\\_danger\\_of\\_a\\_single\\_story?language=pt-br](https://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story?language=pt-br)>. Acesso em: 7 out. 2016.

KILOMBA, Grada. **Dealing with Racism** (Lidando com o racismo na Europa). **Callings**. Editor: Tychicus Vasquez. Tradução para o português: Felipe Machado. Gravação e legendagem: Chris Mckee (5 minutos e 27 segundos). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=DdpUFybJddc>>. Acesso em: 10 jun. 2016.

### Notas

<sup>1</sup> Ressalve-se que não utilizamos autenticidade, que remete ao trabalho de arquivistas e à diplomática.

<sup>2</sup> Importa destacar que o envolvimento direto e atento de suas duas filhas possibilitou a realização deste projeto. Ambas orientaram e acompanharam diretamente todo o processo, realizando reuniões periódicas, oferecendo todos os recursos materiais necessários, além de serem elas próprias fontes informacionais. Este é um aspecto raro e, como pesquisadora, posso afirmar que é um privilégio. Some-se a isso o fato de serem duas profissionais com percursos diferentes de atuação, mas em cruzamento constante com a produção de Enio – ou talvez seria mais correto dizer influenciando e sendo influenciadas, inspirando e sendo inspiradas pelo conjunto da obra desse artista/autor/jornalista/escritor/pai/amigo que vive em constante troca com o mundo e com todas as pessoas ao seu redor.

Aqui cabe registrar, ainda, nossos agradecimentos a Ronie Prado, *Designer*, companheira de Enio há anos e que, junto com ele, vem organizando o acervo em pastas físicas, em gavetas, em armários e em arquivos digitais, com imagens em excelente qualidade, tanto por evento como por atividade e/ou por tipologia. E não se trata de uma pessoa próxima que simplesmente separa alguns itens. Pelo contrário, sua atuação profissional também alimenta esse encontro pessoal, auxiliando e promovendo a produção de novos eventos e atividades. Seu conhecimento do conjunto da obra foi uma baliza importante para que a organização dos dados fosse possível. Além disso, pudemos contar com sua participação nas reuniões periódica e com sua presença constante, seja pessoalmente, por e-mail, com o envio de documentos e dados.

<sup>3</sup> Seria necessário um estudo mais aprofundado, mas apesar de serem consideradas sinônimas, *tags* diferem das palavras-chave. Parece-nos que as palavras-chave estão focadas nas pesquisas, no produto, que é o texto acadêmico. Já as *tags*, apesar de também pensarem no conteúdo e em termos que podem ser associados ao texto, voltam-se para o(s) público(s) que se busca atingir, sem excluir o universo acadêmico. Se as palavras-chave são mais restritas e limitadas – geralmente a cinco – as *tags* podem exceder essa quantidade e é na multiplicidade que está sua riqueza.

<sup>4</sup> No exemplo apresentado não há folders, cartazes ou convites da exposição. Em outros exemplos, quando esses documentos foram localizados, passaram por digitalização e sua imagem também consta na página da exposição correspondente.